

A SÍNDROME EXTRAPIRAMIDAL NA PERSPECTIVA DA ENFERMAGEM

Bianca de Macêdo Meira¹, Pauliany Alencar de Souza², Maria de Fátima Araújo Silveira³, Hudson Pires de Oliveira Santos Junior⁴

¹ Universidade Estadual da Paraíba/Departamento de Enfermagem, Avenida das Baraúnas, 351. e-mail: bianca_meira_bi@hotmail.com

² Universidade Estadual da Paraíba/ Departamento de Enfermagem, Avenida das Baraúnas, 351. e-mail: paulianyany@hotmail.com

³ Universidade Estadual da Paraíba/ Departamento de Enfermagem, Avenida das Baraúnas, 351. e-mail: fatimasilveir@uol.com.br

⁴ Universidade de São Paulo/Escola de Enfermagem, Av. Dr. Eneas de Carvalho Aguiar, 419. e-mail: hudsonjr@usp.br

Resumo -- O presente estudo objetivou identificar as práticas e saberes de enfermeiros referentes à prevenção, recuperação e reabilitação de usuários de drogas antipsicóticas, que se encontra com síndrome extrapiramidal. A pesquisa foi realizada através de uma investigação quanti-qualitativa, contudo neste artigo apresentaremos e discutiremos apenas os dados quantitativos. O estudo foi realizado no período de janeiro a junho de 2010, em Campina Grande - PB. Pôde-se identificar a dificuldade referida de atuação da Enfermagem em todos os aspectos abordados: identificação dos sintomas da síndrome, conhecimento das medicações desencadeadoras da impregnação, prevenção e conduta efetuada diante da síndrome. Tal resultado reflete em práticas pouco eficazes e ainda disparadoras de outros danos à saúde de sujeitos em sofrimento psíquico. Essa análise é de grande valor, pois possibilita a identificação dos possíveis problemas do cuidado de enfermagem nos serviços substitutivos, bem como o aprimoramento da atenção prestada aos usuários com síndrome extrapiramidal.

Palavras-chave: Agentes antipsicóticos; Cuidados de Enfermagem; Saúde Mental.

Área do Conhecimento: Enfermagem

Introdução

No espaço psiquiátrico hospitalar, o principal tratamento é o medicamentoso, com reduzido leque de ofertas de drogas, sendo as mais amplamente empregadas aos sujeitos em sofrimento psíquico as bloqueadoras dos receptores de dopamina D2, que são os agentes antipsicóticos, como as fenotiazinas e as butirofenonas. Tais drogas podem desencadear a síndrome extrapiramidal ou impregnação neuroléptica, produzindo os seguintes efeitos neurológicos: reação distônica aguda, acatisia aguda, parkinsonismo induzido por drogas, síndrome neuroléptica maligna, síndrome emergente de retirada e discinesias tardia.

Efeitos extrapiramidais podem ser classificados de acordo com a resposta a interrupção do uso de antipsicóticos e administração de antiparkinsonianos. Reação distônica aguda, acatisia, parkinsonismo e síndrome neuroléptica maligna melhoram com a interrupção do tratamento e com emprego de antiparkinsonianos. Discinesia tardia agrava-se com a suspensão do antipsicótico e o uso de antiparkinsonianos (FUCHS et al, 2004).

Investigação conduzida por Macedo, Silveira (2009), demonstrou que nos Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) a terapêutica medicamentosa é ampliada, incluindo uma gama de fármacos, com menos possibilidades de reações adversas e, inclusive, medicamentos para outras condições clínicas dos usuários, como anti-hipertensivos e hipoglicemiantes, por exemplo. Entretanto, como alguns sujeitos desenvolvem crises e a família tende a reproduzir a cultura da internação, ainda verifica-se a predominância da conduta psiquiátrica medicamentosa. Assim, estes usuários podem fazer uso de psicofármacos em dosagens que produzem reação extrapiramidal, principalmente o haloperidol, mais comumente disponível na atenção pública a saúde mental.

Assim, diante da escassez de estudos a respeito da temática citada, este estudo objetivou identificar as práticas e saberes de enfermeiros acerca da prevenção, recuperação e reabilitação de usuários de drogas antipsicóticas, que se encontra com síndrome extrapiramidal.

Metodologia

A pesquisa efetivou-se em um estudo quantitativo. Um dos argumentos para apoiar o uso combinado de dados qualitativos e quantitativos em uma única pesquisa é que eles são complementares e as deficiências de um método podem ser reduzidas. A junção entre os enfoques quantitativo e qualitativo é adequada quando se tem construído mais de um objetivo, a partir do mesmo tema, para adicionar outras dimensões à pesquisa (VICTORIA, KNAUTH, HASSEN, 2000). Contudo, neste artigo, serão apresentados e discutidos os resultados quantitativos do estudo. Tal decisão fez-se necessária devido ao fato da análise dos dados qualitativos ainda não estar finalizada.

O cenário da pesquisa foi o município de Campina Grande (população de cerca de 370.000 habitantes) - localizada no interior do estado da Paraíba, devido ao fato deste município estar experimentando e implementando medidas para a desinstitucionalização de pessoas com internações psiquiátricas de longa permanência.

A população do estudo foi conformada pelos enfermeiros integrantes dos serviços da rede de atenção à saúde mental municipal: CAPS II, CAPS III e Unidade de Emergência Psiquiátrica. Obtivemos uma amostra de seis enfermeiros cuja participação se efetivou através da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Os critérios de inclusão desses sujeitos no estudo foram: ser enfermeiro da rede de saúde mental municipal, prestar assistência direta a clientela com transtorno mental, aceitar participar do estudo por livre e espontânea vontade. Vale frisar que os três serviços onde se realizou a coleta de dados contam com um total de 15 enfermeiros, porém, apenas seis aceitaram participar desse estudo.

A coleta de dados ocorreu entre os meses de janeiro a junho de 2010, através da aplicação de entrevistas estruturadas e de um formulário, composto por questões referentes à compreensão dos enfermeiros sobre a síndrome extrapiramidal e a assistência a ser prestada em casos deste tipo, bem como o conhecimento dos medicamentos dispensados pela rede de saúde mental que podem desencadear a síndrome extrapiramidal.

Os discursos foram submetidos à análise de conteúdo, cujo produto gerou categorias analíticas. Os dados quantitativos foram tabulados no programa EXCEL, tratados com estatística descritiva, e são aqui apresentados em tabelas, contendo as frequências e percentuais.

Quanto aos critérios éticos, o desenvolvimento do estudo seguiu as normas da Declaração de Helsinki, de 1964, na versão de 2000, e as diretrizes emanadas da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (BRASIL, 1996).

Para a operacionalização da pesquisa foi solicitado liberação do acesso à rede de Saúde Mental de Campina Grande à Coordenação Municipal de Saúde Mental e submetido o projeto à apreciação pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Estadual da Paraíba, e de ambas rebemos anuência.

Resultados

Uma das questões incluídas no formulário objetivava verificar o contato dos enfermeiros com usuários impregnados. Todos os entrevistados relataram ter tido contato com tais usuários.

Outra questão se referia à compreensão dos enfermeiros a respeito da síndrome extrapiramidal. Dos entrevistados, apenas 1 descreve a impregnação neuroléptica como a manifestação exacerbada da atividade colinérgica, observada através da apresentação de reação Distônica Aguda, Parkinsonismo, Acatisia, Síndrome Neuroléptica Maligna e Síndrome da Retirada Emergente, ocasionada por bloqueadores dopaminérgicos. Outros 2 participantes da amostra a compreendem como um quadro ocasionado por neurolépticos; e 3 enfermeiros descrevem a impregnação como uma

	Neurolépticos	Neurolépticos e Benzodiazepínicos	Total
CAPS II	01	-	01
CAPS III	03	01	04
Emergência	01	-	01
%	83,3	16,7	100

manifestação ocasionada por medicações sem a especificação das mesmas.

A seguir temos as medicações que foram mencionadas pelos enfermeiros como causadoras da impregnação durante as entrevistas:

Tabela 1: Medicações citadas como causadoras de impregnação. Campina Grande, 2010.

Conforme visto na tabela 1, 83,3 % dos entrevistados citaram os neurolépticos como desencadeadores da síndrome e 16,7 % mencionaram também os benzodiazepínicos.

Em investigação detectamos que os medicamentos dispensados nas instituições de assistência aos usuários em sofrimento psíquico são os seguintes: biperideno, clorpromazina, diazepam, prometazina, fenobarbital, haloperidol, levomepromazina, olanzapina.

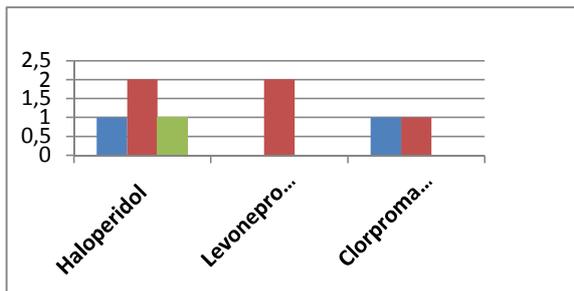


Figura 1: Medicamentos Dispensados pelos Serviços Causadoras de Impregnação. Campina Grande, 2010.

- CAPS II
- CAPS III
- Emergência

Dentre eles, os que tem como efeito adverso a Síndrome Extrapiramidal são clorpromazina, levomepromazina, haloperidol e olanzapina. Com base nesses dados, a figura 1 mostra que os enfermeiros não possuem conhecimento de todos os medicamentos causadores de impregnação dispensados nos serviços substitutivos, dos quais são funcionários.

Foi solicitado aos enfermeiros que eles citassem as manifestações clínicas da síndrome. Diante das manifestações elencadas as categorizamos da seguinte forma:

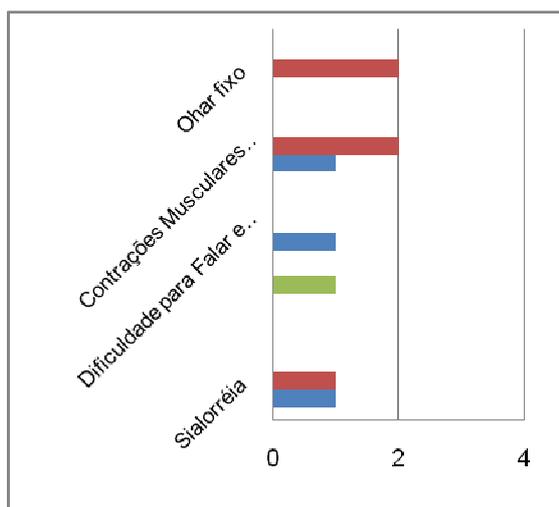


Figura 2: Descrição das manifestações clínicas apresentadas pelos usuários impregnados. Campina Grande, 2010.

- CAPS II
- CAPS III
- Emergência

Podemos observar com os resultados obtidos que os enfermeiros do CAPS III aparentam ser os mais habilitados para identificar a impregnação, pois estes descreveram um maior número de sinais e sintomas, em contraposição aos participantes dos outros serviços que descreveram um número mais restrito de manifestações.

A seguir, a figura 3 compreende as medidas, que segundo os entrevistados, devem ser efetuadas na prevenção da síndrome:

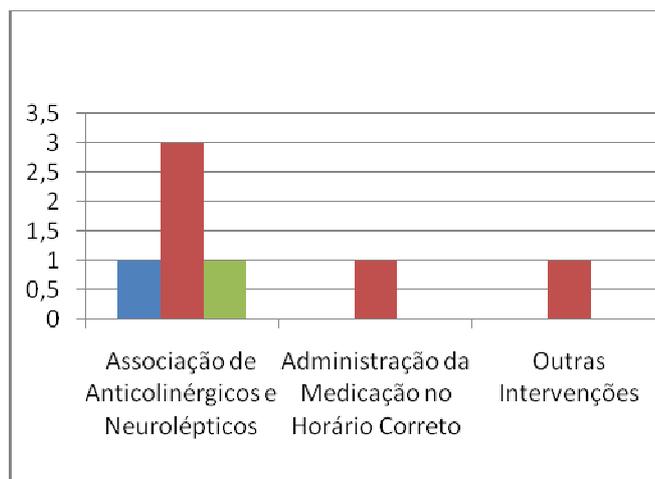


Figura 3: Métodos Utilizados na Prevenção da Impregnação. Campina Grande, 2010.

- CAPS II
- CAPS III
- Emergência

Podemos observar que os entrevistados associaram a prevenção a abordagens medicamentosas alopáticas. A educação em saúde, ponto no qual o enfermeiro pode trabalhar a percepção dos sintomas pelo o usuário e uso correto da medicação, não foi sequer citada pelos participantes do estudo.

Alicerçando-se nos dados referentes à conduta diante de uma impregnação, foi possível obter as seguintes informações, presentes na figura 4.

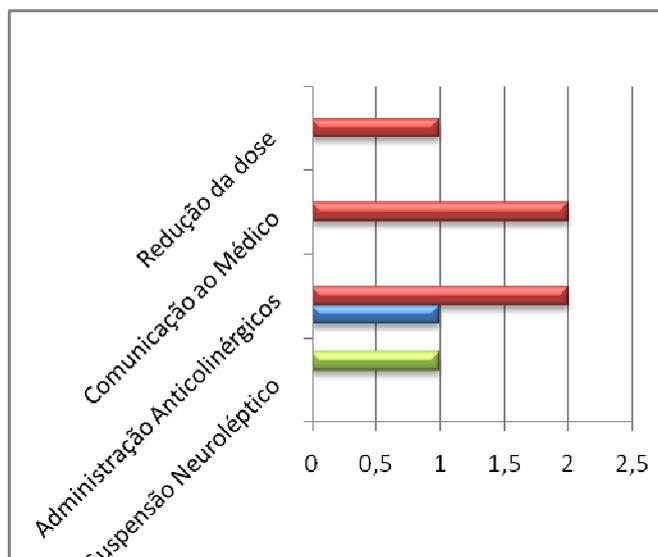


Figura 4: Conduta Efetuada Diante da Impregnação Neuroléptica. Campina Grande, 2010.

- CAPS II
- CAPS III
- Emergência

Evidencia-se o caráter emergencial e biomédico das condutas referidas pelos enfermeiros, pois o problema é contornado apenas com questões relativas ao uso ou à suspensão de drogas. Durante a coleta, não foram citadas medidas alternativas, como a fisioterapia e as atividades físicas e a própria orientação aos usuários sobre o uso e efeitos dos psicofármacos.

Pois, outra faceta deste problema envolve também o baixo *empowerment* que os usuários dos serviços possuem em relação ao seu tratamento, isto é, a baixa apropriação que os usuários possuem de ferramentas que os transformem em sujeitos ativos de decisões sobre o seu tratamento.

Discussão

Contextualizando, Hull (2005) verificou um aumento significativo do consumo de psicofármacos em todo globo, nos últimos 10 anos. O seu uso e prescrição têm aumentado, não apenas em quantidade, mas em dose e frequência, às vezes, maiores do que os preconizados na literatura especializada.

Como podemos constatar através dos resultados que apresentamos, a impregnação ainda se encontra presente, mesmo os portadores de sofrimento psíquico não estando mais internados em hospitais psiquiátricos, que era caracterizado pelo uso abusivo de medicamentos.

A informação de que apenas um dos profissionais tinha compreensão considerável sobre síndrome extrapiramidal evidencia o caráter insatisfatório do resultado, visto que todos os enfermeiros tiveram contato com usuários impregnados, portanto deveriam estar qualificados para abordar a problemática. Resultados semelhantes foram encontrados em estudo realizado por Ribeiro et al (2010), onde foi avaliada a atuação de enfermeiros/as que atuam no Estratégia Saúde da Família (ESF).

Uma vez que os enfermeiros/as são os/as profissionais que estabelecem o primeiro contato com os usuários e se configuram como elo entre estes e a equipe, a percepção equivocada ou ausente de tal fenômeno pode ser obstáculo para uma prática que busca construir ações que produzam acolhimento, restabelecimento de vínculos afetivos e desmistificação do olhar 'o diferente' como louco (OLIVEIRA, SILVA, SILVA, 2009). Afinal, a comunidade pode identificar como sinais de doença mental, atitudes que são reações adversas de medicamentos que causem síndrome extrapiramidal.

Outra situação bastante complexa verificada é aquela na qual 50% dos entrevistados desconhecem quais são as medicações causadoras da síndrome. Relatório de Pesquisa elaborado por Carioni (2006) apresenta, de forma crítica, o papel que as drogas produtoras do extrapiramidalismo tem no cotidiano dos usuários que as utilizam. A leitura e análise dessa fonte evidenciam que a vida produtiva, as vivências afetivas e sexuais e a inserção social sofrem graves alterações, quando não a própria experiência do adoecimento pelos sujeitos e seu entorno.

Chama a atenção, ainda, a menção feita por participantes do presente estudo dos benzodiazepínicos como causadores do extrapiramidalismo, considerando que os mesmos são utilizados na reversão desse quadro. Isso é uma questão relevante e aponta falhas no acúmulo de conhecimentos de farmacologia por esses profissionais.

O fato dos enfermeiros terem mencionado apenas três das drogas causadoras do extrapiramidalismo pode estar associado ao fato de o Ministério da Saúde incluir outras drogas, a exemplo da Olanzapina, apenas para usuários refratários ao tratamento e registrados no "Programa de Medicamentos de Dispensação Excepcional", como explicam Lindner et al (2009). Por esse motivo, os profissionais experienciam menos os efeitos adversos da substância referida.

A maior capacidade para identificação das manifestações da impregnação pelos profissionais do CAPSIII, integrantes da amostra, pode estar

correlacionada ao funcionamento em regime de 24h e ao atendimento a usuários em crise psiquiátrica e que necessitam de uma maior dose medicamentosa, situação que pode induzir a síndrome. Além disso, este serviço atende usuários que já o procuram apresentando algum grau de impregnação.

Foi possível observar também a realização de condutas majoritariamente de cunho biomédico para prevenção e reversão do quadro. Embora a Reforma Psiquiátrica tenha surgido em busca de um modelo de assistência mais humanizado, encontramos ainda resquícios do modelo hospitalocêntrico, como é o caso da prescrição exarcebada de medicamentos. Em estudo conduzido por Ribeiro et al (2010), as enfermeiras, quando questionadas sobre a forma de tratamento dos sujeitos com sofrimento psíquico, frisavam, sobretudo, as transcrições de medicações como as ações de enfermagem a este grupo. Os achados da presente investigação se contrapõem aos identificados na pesquisa de Silveira, Alves (2010), realizada em Belo Horizonte – MG. Segundo estas autoras, os integrantes do estudo evidenciaram, em seus discursos, um trabalho interdisciplinar, no qual responsabilizavam-se, também, pela condução clínica, auxílio no percurso e na construção de vínculos de usuários dos Centros de Referência em Saúde Mental.

Ainda segundo Ribeiro et al (2010), o demasiado uso dos serviços biomédicos reflete na diminuição da autonomia no enfrentamento de vários processos de adoecimento. E, segundo Ruiz, Lima, Machado (2004), o conhecimento da doença e dos efeitos adversos dos psicofármacos através de grupos de educação em saúde é imprescindível para a reconstrução da cidadania. Isso proporcionaria autonomia aos sujeitos em sofrimento e contribuiria para sua reintrodução na sociedade e no seio familiar.

Conclusão

Como foi discutido, a síndrome extrapiramidal é uma realidade presente nos serviços substitutivos de atenção à saúde mental. Apesar disso, os enfermeiros não apresentam um conhecimento aprofundado sobre a impregnação, fato que limita uma prática assistencial que preconize a redução da terapêutica medicamentosa consciente e efetiva.

Assim, a relevância deste estudo está na possibilidade de acompanhamento, do ponto de vista investigativo-científico, da implementação do processo de desinstitucionalização em saúde mental. No que se refere às Práticas e Saberes dos profissionais sobre a síndrome, identificando,

assim, possíveis problemas no atendimento aos usuários com esse efeito.

Diante dos achados e do que vem sendo discutido, questões críticas tais como a falta de qualificação na utilização de psicofármacos e a necessidade de qualificação sistemática dos profissionais, surgem como questões emergentes para serem aprofundadas em uma nova investigação.

A limitação deste estudo esta no fato de poucos enfermeiros terem aceitado participar. O que impossibilita uma visão ampliada sobre o objeto em estudo. Porém, a dificuldade de adesão de profissionais municipais para participarem de pesquisas científicas vem sendo um problema crescente, visto que estes relatam sofrerem dos políticos locais.

Referências

- BRASIL. Resolução 196 de 10 de outubro de 1996. Dispõe sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. **Diário Oficial da União**. Brasília, 16 out. 1996.
- CARIONI, F.S. **O papel dos antipsicóticos no processo de reabilitação psicossocial do sujeito com diagnóstico de esquizofrenia**. 2006. Relatório de pesquisa (Trabalho de Conclusão de Curso Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2006.
- FUCHS, F.D. et al. **Farmacologia Clínica**. 3. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.
- HULL, S.A; AQUINO, P. Explaining variation in antidepressant prescribing in east London: a cross sectional study. **Brit Jour Psyhyatry**, v. 22, n. 1, p. 37-42, 2005.
- LINDNER, L.M. et al. Avaliação econômica do tratamento da esquizofrenia com antipsicóticos no Sistema Único de Saúde. **Rev. Saúde Pública**, v. 43, supl.1, p. 3 – 9, 2009.
- MACEDO, J; SILVEIRA, M. The introductory experience of Half-Way Houses - Quantitative and qualitative analysis. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v.8, n. 2, 2009. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2009.2375/html> 13. Acesso em: 10 set. 2010.
- OLIVEIRA, F.B; SILVA, K.M.D; SILVA J.C.C. Percepção sobre a prática de enfermagem em

Centros de Atenção Psicossocial. **Rev. Gaúcha Enferm**, v. 30, n. 4, p. 3-4, 2009.

- RIBEIRO, L.M. et al. Saúde mental e enfermagem na estratégia saúde da família: como estão atuando os enfermeiros? **Rev.esc.enferm.USP**, v. 44, n. 2, p. 4, 2010.

- RUIZ, V.R; LIMA, A.R; MACHADO, A.L. Educação em saúde para portadores de doença mental: relato de experiência. **Rev. esc. enferm. USP**, v.38, n.2, p. 6 -8, 2004.

- SILVEIRA, M.R; ALVES, M. O enfermeiro na equipe de saúde mental – o caso dos CERSAMS de Belo Horizonte. **Rev. Latino-Am. Enfermagem**, v.11, n.5, p. 8-9, 2003.

- VICTORA, C.G; KNAUTH, D.R; HANSEN, M.N.A. **A pesquisa qualitativa em saúde**. Rio de Janeiro: Tomo Editorial, 2000.